

## ESTILO E DISCURSO LITERÁRIO

Elis de Almeida CARDOSO<sup>1</sup>

### RESUMO

O estilo está diretamente associado ao enunciado e às suas formas características, ou seja, aos gêneros do discurso. Embora cada gênero apresente características até certo ponto estáveis, cada enunciado é individual e particular, reflete, pois, a individualidade de quem fala ou escreve. Pode, portanto, apresentar um estilo individual. Portanto, na esteira do pensamento bakhtiniano, de acordo com a natureza do enunciado se deve voltar mais ou menos ao estilo individual. O literário está entre os gêneros mais favoráveis, portanto, não pode ser estudado sem que se leve em consideração o estilo individual. Além de se valorizar o estilo individual, o estilo do autor, é preciso ter em mente que a literatura reflete os estilos da linguagem da época e reproduz em forma de texto as transformações da língua e da sociedade.

O discurso literário é um ato linguístico e não pode ser isolado dos outros gêneros e estudado apenas pela Literatura. Deve ser tratado também pela Linguística como um gênero discursivo plural, refletindo o contexto, a ideologia do autor, o momento sócio-histórico-cultural, etc (Bakhtin, 2003). A relação texto literário/dimensão sociocultural pode ser entendida quando se parte do texto para o contexto, isto é, quando se analisa o texto literário do ponto de vista discursivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** estilo; discurso literário; literatura; gênero

### Introdução

“Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”, afirma Bakhtin (2003, p. 263). Seja qual for o campo da atividade humana, é por meio dos enunciados concretos que a língua é empregada. São esses enunciados, diz o autor russo, que “refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo temático e pelo estilo da linguagem (...), mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (2003: 261). E por conteúdo temático

---

<sup>1</sup> USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Av. Luciano Gualberto, 403, CEP 05508-900, São Paulo – SP, Brasil. [elisdacar@usp.br](mailto:elisdacar@usp.br)

e estilo da linguagem, Bakhtin compreende a seleção dos recursos da língua - lexicais, fraseológicos, gramaticais. Esse material linguístico só pode ser investigado em enunciados concretos, uma vez que é por meio deles que a vida entra na língua.

O estilo está diretamente associado ao enunciado e às suas formas características, ou seja, aos gêneros do discurso. Embora cada gênero apresente características até certo ponto estáveis, cada enunciado é individual e particular, refletindo, pois, a individualidade de quem fala ou escreve. Na esteira do pensamento bakhtiniano, de acordo com a natureza do enunciado se deve voltar mais ou menos ao estilo individual. O literário está entre os gêneros mais favoráveis, portanto, não pode ser estudado sem que se leve em consideração o estilo individual. Além de se valorizar o estilo individual - o estilo do autor -, é preciso ter em mente que a literatura reflete os estilos da linguagem da época e reproduz em forma de texto as transformações da língua e da sociedade.

Neste trabalho, pretende-se analisar o discurso literário como um ato linguístico que não pode ser isolado dos outros gêneros e estudado apenas pela Literatura. Deve ser tratado também pela Linguística como um gênero discursivo plural que mescla aspectos linguísticos e estilísticos, refletindo o contexto, a ideologia do autor, o momento sócio-histórico-cultural, etc. (Bakhtin, 2003). Será abordada aqui a relação texto literário/dimensão sociocultural que pode ser entendida quando se parte do texto para o contexto, isto é, quando se analisa o texto literário do ponto de vista discursivo.

### **Questões de estilo**

Tendo como um de seus precursores Charles Bally (1865-1947), a estilística firma-se no início do século 20 como uma das correntes dos estudos linguísticos, apoiando-se na Retórica clássica. A estilística se preocupa com a(s) maneira(s) de exprimir o pensamento por meio da linguagem e tem como objeto de estudo a expressão linguística e mais precisamente o estilo. O pensamento pode ser expresso pelo léxico, pelas estruturas gramaticais da língua, mas também pelas circunstâncias, pelas motivações que estão por trás da produção de uma obra. É essa dicotomia que faz com que alguns estudiosos da estilística valorizem apenas o nível linguístico da expressão, enquanto outros associam a estilística apenas à literatura.

Bally em seu *Traité de Stylistique Française*, cuja primeira edição é de 1921, sempre defendeu que a face afetiva dos estudos da linguagem deveria ser levada em consideração, uma vez que os aspectos expressivos da língua são naturais. O autor considera a linguagem como “um conjunto de meios de expressão que são simultâneos ao pensamento”. Um usuário da língua, afirma, pode valer-se dela de forma absolutamente objetiva, mas frequentemente pode optar por utilizar elementos afetivos que refletem tanto o seu próprio eu, quanto as forças sociais às quais está submetido. Cabe à estilística analisar esse caráter afetivo da língua, ou seja, estudar as características da língua organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, isto é, a expressão da sensibilidade através da língua e o efeito da língua sobre a sensibilidade, afirma o autor.

Bally se ocupou da Estilística da língua, da expressão linguística, tratando-a coletivamente e afastando-se da literatura e dos estudos literários. Distinguindo o conteúdo linguístico do conteúdo estilístico, Bally mostra a diferença entre a informação e o suplemento subjetivo acrescentado a ela.

É essa estilística da expressão que não ultrapassa a linguagem e considera o fato estilístico em si mesmo, que se opõe a uma estilística do indivíduo, uma estilística genética, que busca as causas e se aproxima da crítica literária. Essa estilística, mais próxima da semântica, é concebida no início do século 20 por Leo Spitzer. O estudioso busca no estudo do estilo a união entre língua e literatura, mas não admite, entretanto, a possibilidade de uma estilística objetiva e científica. Fixa-se na visão idealista, valorizando a visão de mundo do escritor.

Guiraud (1978) fala em duas estilísticas que se colocam sobre dois eixos distintos: uma estilística da expressão e uma estilística do indivíduo. Diz o autor:

Assim verificamos que, das duas estilísticas, uma considera as estruturas e seu funcionamento dentro do sistema da língua, sendo portanto descritiva; outra determina suas causas, sendo então genética; a primeira constitui uma estilística dos efeitos e depende da semântica ou estudo das significações, enquanto a segunda é uma estilística das causas e se aparenta com a crítica literária (1978:55).

Sem dúvida, um mesmo conteúdo pode ser expresso de maneiras completamente diferentes, dependendo das escolhas lexicais e gramaticais que são feitas, entretanto, um mesmo conteúdo pode ser expresso de modos distintos dependendo da ideologia e da visão de mundo do escritor. Ambos podem ser expressivos e ambos podem pertencer ao universo literário. Como proceder a sua análise? Levando-se apenas em consideração a

expressão linguística e seus efeitos expressivos, tendo o apoio da teoria de Bally, ou percebendo a visão de mundo do autor, sua maneira particular de empregar a língua e de expor seu pensamento, como analisaria Sptizer?

Parece que uma visão complementa a outra e é difícil pensar em uma em detrimento da outra. A expressão linguística é a expressão do pensamento. Não há como expressar o pensamento sem utilizar a língua e seus aspectos gramaticais e lexicais.

Segundo Câmara Jr. (1977, p.13-14), “a língua nos fornece as formas para estabelecer e dar a conhecer na comunicação social as nossas representações de um mundo objetivo e de um mundo interior”. Para o autor, a língua absorve “uma carga afetiva que se infiltra em seus elementos e os transfigura”. A estilística, diz Câmara Jr., “vem complementar a gramática”.

Não desprezar os gêneros do discurso e suas peculiaridades é essencial para a estilística da língua, uma vez que “o estilo integra a unidade de gênero do enunciado como seu elemento” (BAKHTIN, 2003:266). As mudanças de estilo só podem ser percebidas pelas mudanças de gêneros do discurso. Dessa forma, as transformações no sistema lexical e gramatical da língua ocorrem pelas transformações dos gêneros e estilos, ou seja, dos enunciados e seus tipos. “Tanto os estilos individuais quanto os da língua satisfazem os gêneros do discurso” (2003:268). Aproximar a noção de estilo a de gêneros do discurso e estudar o estilo, tendo por base os enunciados concretos, passa a ser, então, fundamental para o avanço dos estudos estilísticos. “Onde há estilo há gênero” (2003:268).

Em se tratando do discurso literário, além de se valorizar o estilo individual, o estilo do autor, é preciso ter em mente que a literatura reflete os estilos da linguagem da época e reproduz em forma de texto as transformações da língua e da sociedade.

Com o avanço dos estudos linguísticos, percebe-se, então, que a estilística vai distanciando-se da Retórica e aproximando-se dos estudos do discurso, mais precisamente, segundo Bakhtin (2003), do estudo dos gêneros. Dessa forma, para o autor, por meio da linguagem literária é possível perceber, com o passar do tempo, mudanças permanentes nos estilos.

A linguagem da literatura, cuja composição é integrada pelos estilos da linguagem não literária, é um sistema ainda mais complexo e organizado em outras bases. Para entender a complexa dinâmica histórica desses sistemas, para passar da descrição simples (e superficial na maioria dos casos) dos estilos que estão presentes e se alternam para a explicação histórica dessas mudanças faz-se necessária uma elaboração especial da história dos gêneros

discursivos (tanto primários quanto secundários), que refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida social (2003:267- 268).

## **O discurso literário e o estilo**

O discurso literário é uma forma de expressão artística e apresenta, em relação a outras esferas discursivas, traços singulares que precisam ser levados em consideração quando se toma esse discurso como objeto de análise linguística. O discurso literário visa à estética, ultrapassa a simples informação referencial, afasta-se dos discursos cotidianos, busca a atemporalidade e a universalidade, valoriza o ficcional sobre o real.

Quando se tem por objeto de estudo o discurso literário, é preciso entender que a linguagem artística se sobrepõe à linguagem cotidiana e, por mais coloquial que sejam as escolhas de um autor, seu objetivo é mais do que simplesmente transmitir uma informação.

De acordo com Proença Filho, o texto literário revela “emoções profundas”, e o autor, “artista da palavra”, consegue atingir o repertório cultural de seus leitores:

A fala comum se caracteriza pela transparência. O mesmo não acontece com o discurso literário. Este se encontra a serviço da criação artística. O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediatizadas pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético. O texto repercute em nós na medida em que revele *emoções* profundas, coincidentes com as que em nós se abriguem como seres sociais. O artista da palavra, co-partícipe da nossa humanidade, incorpora elementos dessa dimensão que nos são culturalmente comuns. Nosso entendimento do que nele se comunica passa a ser proporcional ao nosso repertório cultural, enquanto receptores e usuários de um saber comum (PROENÇA FILHO, 2007:7-8).

Falando especificamente sobre a poesia, Gardes-Tamine (1992:7-8) afirma que o poema é uma organização complexa, um objeto produzido por um criador, em função de suas escolhas e de suas experiências; é recriado a cada leitura. A linguagem poética não se confunde com a linguagem comum, mas, ao mesmo tempo, a linguagem comum, organizada de outra forma, é que é utilizada na poesia, principalmente na poesia contemporânea. É justamente essa diferença entre a comunicação estabelecida com o

uso cotidiano da língua e a comunicação estabelecida com o uso da língua na expressão literária que faz com que se possa perceber no discurso literário toda uma variedade de significações e daí toda a originalidade da expressão verbal.

É essa forma “especial” de dizer, que produz um significado próprio. A criatividade dos autores de textos literários pode se aproximar da de autores de outros gêneros discursivos (o publicitário, por exemplo), mas ao mesmo tempo também se distancia a ponto de se poder falar que no discurso literário a propensão para a criação é bem mais livre, sem limites.

Aproximar a análise do discurso e a literatura já foi assunto bastante polêmico e, ainda hoje, essa dicotomia persiste. Durante muito tempo, diz Maingueneau (2010), a análise do discurso evitou os chamados “textos prestigiosos”, enquanto a estilística literária mesmo se valendo das teorias da enunciação e da Pragmática, sempre se manteve mais distante dos aspectos puramente linguísticos.

Segundo o autor:

... a maior parte dos especialistas de literatura julga, ao mesmo tempo, ilegítimo e ineficiente utilizar o recurso de problemáticas da análise do discurso no seu domínio de estudo. Isso se deve, sem dúvida, em parte às pressuposições herdadas da estética romântica, que opunha literatura ao resto das outras produções discursivas de uma sociedade (2010).

Rompendo horizontes, pode-se perfeitamente unir as propostas da Análise do Discurso, da Linguística Textual e da Estilística tendo como objeto de estudo o discurso literário. Seguindo os preceitos de Adam e Heidmann (2011:14-17), parte-se do pressuposto que o “e” que une “linguística e literatura” deve exprimir o contínuo de um pensamento e não uma cisão que divide os saberes. Para os autores:

A extensão do campo da análise de discurso aos textos literários exige competências cruzadas que convidam o linguista a deixar a estreiteza de seus *corpora* e o comparatista a situar suas análises interlinguísticas e interculturais o mais próximo da língua de cada texto (2011:15).

O discurso literário não deve, pois, ser tratado como algo à parte, estudado apenas pela tradição e pela crítica literária. Deve ser compreendido linguisticamente em função de seu contexto e de seu cotexto. Deve, portanto, ser analisado com foco na sua história e compreendido em função de suas condições – temporais e espaciais – de leitura e de circulação.

Trabalhar com *corpora* literários não é só levar em consideração a modalidade escrita da língua em detrimento de outras modalidades. A análise inicia-se no texto, mas

vai além dele. Como diz o próprio Maingueneau (2010),

... o texto não é somente o vestígio de uma atividade enunciativa, mas o produto de uma história geralmente muito rica, um enunciado que geralmente atravessou múltiplos contextos, sofrendo constantes modificações, um objeto de múltiplas culturas...

É preciso, pois, levar em consideração esses contextos, o momento histórico, as condições sociais, o suporte de publicação (livro, jornal), a situação de produção, circulação e recepção do texto, o público alvo. Não se pode desvincular o texto literário do universo sociocultural e da ideologia de uma sociedade, de uma época. A literatura como uma manifestação cultural dialoga com outras formas de expressão artística, principalmente com as artes plásticas; reflete todas as transformações culturais e sociais. Seja no universo romântico, no determinista, no cubista, o discurso literário sempre acompanha as tendências.

Não se pode, ainda, descartar a questão da autoria, da singularidade, da criatividade, do estilo.

Para Maingueneau, a introdução de *corpora* literários na análise do discurso a obriga a preocupar-se com a questão da autoria. Diz o autor:

quando se tem como objeto as obras literárias, não se pode satisfazer-se em raciocinar em termos “de papéis”, como se faz geralmente em análise do discurso. “A autoria” dos textos literários é muito mais complexa. Ela é tomada ao mesmo tempo num excesso de vazio e num excesso de plenitude. Um excesso de vazio, pois o texto mobiliza múltiplos atravessamentos e esta tendência se dá apenas no sentido de reforçar as múltiplas reatualizações. Um excesso de plenitude também, pois a singularidade “do autor” é levada aqui ao seu paradoxo, ou seja, este é o ponto em que alguns negam à análise do discurso o direito de tratar das obras literárias, uma vez que estas últimas seriam irredutivelmente singulares (2010).

Embora a Literatura divida os autores em escolas literárias, que tentam agrupar o que há de comum entre eles e suas obras, as particularidades se manifestam em cada texto. Se por um lado o Modernismo une Drummond e Bandeira, por outro lado cada autor é singular, é único. Na leitura de suas obras, percebe-se a individuação do dizer. A “Confidência do itabirano”, de Drummond, e a “Evocação do Recife”, de Bandeira, são poemas em que a presença individual de cada autor é muito evidente. Aceitar o estilo como um conjunto de características individuais é perceber a diversidade e poder falar em escolhas drummondianas, criações rosianas, desconstruções haroldianas, etc.

A brasilidade e a busca da identidade nacional de Mário de Andrade, o regionalismo de Manoel de Barros, os jogos lúdicos, as experimentações da linguagem, de Haroldo de Campos, também contribuem para a observação da individuação do dizer, principalmente, pelas criações lexicais, frequentes na literatura modernista. Cada neologismo revela a criatividade de cada autor e proporciona diferentes efeitos de sentido, visto que são produzidos para universos discursivos distintos, evidenciando as visões de mundo daquele que enuncia. “O estilo de um escritor pode ser considerado como uma utilização criativa e individual dos recursos da língua que o seu período, seu dialeto escolhido, seu gênero e seu propósito nele incluso lhe oferecem”, diz Spencer (1974:13-4).

Além de Oswald de Andrade, que sempre lutou contra a “consciência enlatada”, e buscou algo novo e original para a sua poesia, valorizando uma língua “natural e neológica”, Carlos Drummond de Andrade, que publicou até a década de 80, mostrou também que os indivíduos, assim como os poetas devem misturar, deglutir e não se submeter a algo pronto e planejado. Seus poemas que criticam comportamentos sociais mostram um autor preocupado com a modernidade.

A desconstrução da linguagem e o niilismo apontam para uma poesia pós-moderna preocupada com o desmoronamento do mundo contemporâneo e uma reconstrução dele em outra ordem.

Vale lembrar, como afirma Barbosa (2001:49), que as marcas discursivas existentes no discurso literário estão sempre relacionadas a uma situação específica de enunciação.

Em se tratando da criatividade literária, não se pode descartar as múltiplas e variadas interpretações que se pode dar a um texto literário, principalmente em se tratando de uma obra aberta, com vários e possíveis significados. Pelo fato de a linguagem no discurso literário valorizar a conotação, a monossignificação própria do discurso científico dá lugar, no literário, à multi ou plurissignificação.

Segundo Marcuschi (2008:240), “a produção textual não é uma simples atividade de codificação e a leitura não é um processo de mera decodificação”, logo o que se pode concluir dessa afirmativa é que tanto o processo de criação de texto quanto a leitura são procedimentos que requerem saberes prévios acerca dos conteúdos e sua exploração implica compreender os significados e a finalidade do texto. Interpretar é, pois, tentar chegar mais perto do(s) sentido(s) do texto, o que só é possível quando, pela leitura, se compreende não só o significado e o efeito estético da linguagem, como

também quando se partilham vivências e experiências entre autor, leitor e texto. Para Eco (1993, p.63), “um texto não é mais do que a estratégia que constitui o universo das suas interpretações – se não são *legítimas*, pelo menos *legitimáveis*”. Dessa forma, “a interpretação supõe sempre uma dialética entre a estratégia do autor e a resposta do Leitor-Modelo” (1993:62) e está longe de simplesmente decifrar os sinais gráficos do texto. Como diz Bosi:

Se os sinais gráficos que desenham a superfície do texto literário fossem transparentes, se o olho que neles batesse visse de chofre o sentido ali presente, então não haveria forma simbólica, nem se faria necessário esse trabalho tenaz que se chama interpretação (BOSI, 1988).

De acordo com essa visão, o leitor está presente na própria constituição da obra, que não pode, segundo Maingueneau (2012:36) ser concebida como um universo fechado, “expressão de uma consciência criadora solitária”.

Ainda em se tratando da interpretação, é preciso lembrar que todo enunciado deve ser relacionado a outros enunciados. Segundo Maingueneau (2012:42), o discurso é considerado no âmbito do interdiscurso. “Ele só assume um sentido no interior de um universo de outros discursos através do qual deve abrir seu caminho”.

Caso as relações interdiscursivas não sejam trazidas à tona, o contexto seja esquecido, as finalidades de elaboração do texto não sejam compreendidas, tanto a interpretação, quanto o significado do texto literário ficam completamente restritos. Em relação aos estudos do léxico no discurso literário, percebe-se que muitas vezes se restringiam apenas ao campo linguístico, priorizando o cotexto, preocupando-se com estatísticas, com análises sêmicas ou morfológicas, não mirando seu olhar para a realidade extralinguística. As unidades lexicais relacionam-se diretamente com os fenômenos extralinguísticos, seja mostrando a visão de mundo do autor ou apontando para o contexto sócio-histórico (MAINGUENEAU, 2012:33).

Finaliza-se este item com as palavras de Antônio Cândido sobre as obras literárias:

Não podem ser desligadas do *contexto*, — isto é, da pessoa que as interpreta, do ato de interpretar e, sobretudo, da situação de vida e de convivência, em função das quais foram elaboradas e são executadas. Feitas para serem incorporadas imediatamente à experiência do grupo, à sua visão do mundo e da sociedade, pouco significam separadas da circunstância, pois, sendo

palavra atuante, são menos e mais do que um registro a ser animado pelo deciframento de um leitor solitário (CÂNDIDO, 2006:58).

### **Considerações finais**

Pelo viés da estilística, é possível mergulhar mais profundamente nos muitos recursos linguísticos, compreendendo de que forma os diversos usos são construídos e como são responsáveis pelos sentidos do texto. Enquanto a gramática se preocupa com o sistema da língua, a estilística examina um fenômeno concreto da linguagem “no conjunto de um enunciado individual ou do gênero discursivo” (BAKHTIN, 2003:269).

Pode-se dizer, dessa forma, que a situação de enunciação e, conseqüentemente, o gênero discursivo são determinantes para as escolhas linguísticas. Entretanto, lembra Maingueneau (2001, p. 65) que “os gêneros de discurso não podem ser considerados como formas que se encontram à disposição do locutor a fim de que este molde seu enunciado nessas formas”. Os gêneros são atividades sociais e, para o autor, submetem-se a várias condições de êxito, tais como: uma finalidade, um lugar e um momento, um papel assumido pelo enunciador, o suporte textual (livro, jornal, rádio, etc.) e, sem dúvida, uma organização textual.

Não dissociar a noção de estilo da de gênero discursivo se faz importante para um estudo que se debruce sobre marcas estilísticas de um dado discurso. No caso do discurso literário, observa-se um espaço em que se busca o afastamento do comum, do regular, sendo a forma do dizer importante e significativa para a constituição da obra artística. Nesse campo, emergem marcas de individualidade que surpreendem o leitor e que geram efeitos expressivos para o discurso.

O fazer artístico hoje depende das escolhas feitas por um escritor e de seus modelos. Os autores, geralmente, fazem modelos passados reviver, mas de modo ressemantizado e reciclado.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADAM, Jean Michel, HEIDMANN, Ute. 2011. *O texto literário: por uma abordagem interdisciplinar*. São Paulo: Cortez.

- BALLY, Charles. (1951) *Traité de stylistique française*. Genève: Georg & cie.
- BAKHTIN, Michail. (2003) *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BARBOSA, Maria Aparecida. (2001) *Da neologia à neologia na literatura*. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de, ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS.
- BOSI, Alfredo. *A interpretação da obra literária*. In: *Folha de São Paulo*, 05/03/1988, disponível em <http://almanaque.folha.uol.com.br/bosi5.htm>
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. 1977. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- CÂNDIDO, Antônio. 2006. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul,
- ECO, Umberto. 1993. *Leitura do texto literário*. Lisboa: Presença.
- GARDES-TAMINE, Joelle. 1992. *La stylistique*. Paris: Armand Colin.
- GUIRAUD, Pierre. 1978. *A estilística*. São Paulo: Mestre Jou.
- MAINGUENEAU, Dominique 2001. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.
- MAINGUENEAU, Dominique. 2010. Análise do discurso e literatura: problemas epistemológicos e institucionais. In: *Linguasagem*, edição 13. Disponível em [http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao13/art\\_01.php](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao13/art_01.php)
- MAINGUENEAU, Dominique. 2012, *O discurso literário*. São Paulo: Contexto.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola.
- PROENÇA FILHO, Domício. 2007. *A Linguagem Literária*. São Paulo: Ática.
- SPENCER, John et alii. 1974. *Linguística e estilo*. São Paulo: Cultrix/Edusp.

